

# **A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE ALUNOS DO IFPE EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM PERCURSO PRECÁRIO**

**ANDRÉ LUÍS GONÇALVES PEREIRA**

## 1. INTRODUÇÃO

A partir do primeiro semestre de 2020, o Novo Coronavírus mostrou sua agressividade em todos os continentes. Segundo Wallace (2020) este acontecimento histórico não pode ser dissociado das formas produtivas relacionadas ao modo de produção capitalista, notadamente o agronegócio, pois “os seres humanos construíram ambientes físicos e sociais, em terra e no mar, que alteraram radicalmente os caminhos pelos quais os patógenos evoluem e se dispersam” (p.30). Por isso não é verdade que estamos diante de um inimigo imprevisível e inexorável, diante do qual somente podemos esperar os avanços da medicina em termos de remédios preventivos e vacinação, e sim nos deparamos com um elemento que é resultado da forma de desenvolvimento do capital a nível mundial. Neste contexto, inúmeros estudantes foram obrigados a entrar no mercado de trabalho para complementar ou assumir a totalidade da renda de suas famílias, ao mesmo tempo em que muitos desta parcela da população, já inseridos neste meio, ficaram desempregados ou sofreram uma brutal diminuição de sua renda.

## 2. METODOLOGIA

Nossa investigação elegeu aleatoriamente um grupo de estudantes do ensino médio integrado nos campi Belo Jardim e Recife do IFPE<sup>1</sup> que começou a trabalhar a partir da eclosão da pandemia. Nos interessou saber as motivações para este ingresso precoce no mercado de trabalho, a renda e situação de suas ocupações e a importância das mesmas para a manutenção de seus núcleos familiares. A partir das análises das entrevistas semiestruturadas observamos outro elemento bastante presente: a relação conflituosa entre as ocupações exercidas e o tempo dedicado aos estudos. Realizamos 15 entrevistas semiestruturadas a partir do WhatsApp e 37 questionários pelo google formulários. Procuramos realizar o diálogo das principais categorias explicitadas na análise das respostas dos discentes com a bibliografia pertinente. Os estudantes entrevistados vivem em diferentes cidades como Belo Jardim, Sanharó, Pesqueira, Arcoverde, Riacho das Almas e São Bento do Una (matriculados

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

no Campus do interior) e Recife, Ipojuca, Olinda, Jaboatão e Camaragibe (matriculados no Campus da capital do estado de Pernambuco).

### 3. RESULTADOS OU CONCLUSÕES

A analisarmos o questionário sócio aplicado, Observamos que 93,9 % vivem em lares cuja a renda total é inferior a dois salários mínimos. Quando indagados se o contexto pandêmico prejudicou a renda familiar, a resposta foi positiva em quase 90% dos casos. Falamos em “contexto pandêmico” para ressaltar as contradições dentro da situação da emergência sanitária pois ainda que

no seu início o pensamento hegemônico tenha direcionado esforços no sentido de proclamar a calamidade como algo policlassista e independente de recortes de raça e etnia, a realidade se mostrou bem distinta. Como os setores mais vulneráveis socialmente estão impedidos de realizar *home office* são obrigados, pela ausência de uma política assistencial concreta, e estarem cotidianamente expostos ao vírus.

A expressiva maioria não conta com qualquer registro profissional (91,2%), embora uma parte significativa (36,3%) exerça seu trabalho remunerado em organizações familiares. Pelos padrões de inserção deste contingente no mercado laboral podemos inseri-lo no que Braga (2012) chamou de precariado. Nenhum jovem ganha mais que um salário mínimo como resultado do exercício de suas funções. Não “assinar a carteira” mostra sua face mais perversa: a total insegurança salarial para estes estudantes

Muitos jovens buscaram trabalhar em horário integral, algo que não conseguiriam se estudassem presencialmente. Para mais de 37% deles que trabalha mais de oito horas diárias será mais difícil o retorno para às aulas presenciais seja pela coincidência dos horários do trabalho e da escola, seja pela carga laboral extenuante.

Depoimentos de diferentes alunos explicitaram a importância das políticas assistenciais existentes nos campi agrícolas do IFPE. Sem acesso ao alojamento completo (alimentação, moradia e internet) pois o campus Belo Jardim está com restrições sanitárias e orçamentárias, estudantes foram obrigados a encontrarem uma ocupação remunerada. Trabalhar, para muitos jovens da classe que vive do trabalho, não é uma opção e sim uma necessidade de sobrevivência. Como assinala Dayrell (2007) este ingresso prematuro no mercado de trabalho é alimentado pela realidade de privações vividas pelas famílias. Observamos que nas falas dos

estudantes o trabalho é algo essencial para a manutenção das necessidades mais essenciais de suas famílias.

Outro elemento importante a ser destacado é o sofrimento psíquico dos estudantes trabalhadores em tempos de pandemia, onde temos este caldeirão de doença, precarização do trabalho e afastamento das aulas presenciais. Para Dunker (2020), o neoliberalismo procura de classificar os conflitos como acontecimentos individuais, desconsiderando as problemáticas sociais existentes embora a depressão seja uma reação contra o reinado do capital.

É necessário fazer da classe-que-vive-do-trabalho uma multidão que se junte a Nosella (2011), reivindicando um auxílio robusto para os estudantes trabalhadores no ensino médio, para evitar que cada vez mais os filhos dos “mamíferos de luxo” aprofundem de forma explícita e vergonhosa o fosso educacional que a separa da classe que produz a riqueza mundial.

**Palavras-chave:** IFPE; Pandemia; Precarização:Trabalho

## REFERÊNCIAS

BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo:Boitempo,2012.

DAYRELL, Juarez. A escola” faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1105-1128, 2007.

DUNKER, Chistian. A hipótese depressiva. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR,Nelson da Silva;DUNKER, Christian (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NOSELLA, Paolo. Ensino médio: em busca do princípio pedagógico. **Educação & Sociedade**, v. 32, p. 1051-1066, 2011.

WALLACE. Rob. **Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência**. São Paulo: Elefante, 2020.